

Â

QUARTA-FEIRA - V SEMANA - T C - ANOS ÍMPARES - 13 FEVEREIRO 2019

Primeira leitura: Génesis 2, 4b-9, 15-17

Havia alguma coisa, quando ainda não existia nada? Esta pergunta não é tão ingénua como possa parecer. De facto, não podemos falar das origens do mundo sem ser por paradoxos. O autor de Gn 2 responde assim: havia a terra e o céu, mas não havia o homem para trabalhar a terra. Gn 2 está centrado na criação do homem, da mulher e dos animais, e não do cosmos, como Gn 1, onde o homem foi criado em vista do serviço litúrgico, do louvor sabático.

Gn 1 é um relato "sacerdotal". Em Gn 2, o homem é tirado do pó humedecido, da terra, adamáh, «a avermelhada». Daí o seu nome de Adão. Nascido da terra, para à terra voltar, o homem é destinado ao trabalho agrícola, indispensável para a vida do mundo. É uma perspectiva aparentemente mais «leiga».

Mas em hebraico "serviço litúrgico" e «trabalho agrícola» expressam-se com o mesmo termo. Não são duas coisas opostas e inconciliáveis. Para cultivar a terra, o homem é colocado «num jardim», ou «paraíso» como também costumamos dizer.

No paraíso, o homem podia dispor de todos os frutos das árvores, excepto do da árvore do «conhecimento do bem e do mal» (v. 17). Porque terá Deus proibido ao homem distinguir o bem do mal? Os exegetas tentam actualmente uma explicação: o bem e o mal são opostos. Com frequência, na linguagem bíblica, usam-se opostos para indicar a totalidade. Assim, por exemplo, «entrar e sair» significa viver. Conhecer o bem e o mal quereria dizer, pouco mais ou menos, conhecer tudo o que é cognoscível.

Mas, conhecer tudo é uma prerrogativa divina e não humana. O homem que aspira à onisciência pretende ocupar o lugar que só a Deus pertence. Daí que lhe seja proibido comer

daquela árvore.

Evangelho: Marcos 7, 14-23

Jesus dirige-se agora ao povo simples e, num segundo momento, apenas aos discípulos. Enfrenta questões legais delicadas para a mentalidade dos judeus piedosos e observantes. Jesus difere dos profetas e dos judeus de cultura helenista.

Não se pode distinguir a esfera religiosa, divina, e a vida, como esfera quotidiana, que não pertence a Deus. As coisas do mundo não são «impuras» em si mesmas. São os homens que as podem tornar impuras. A comunidade de Jesus acredita na bondade da criação.

Podemos distinguir no texto três momentos: o ensinamento de Jesus à multidão (vv. 14-16); a sentença de Jesus (v. 15); o ensinamento aos discípulos (vv. 17-23); a verdadeira impureza, o coração, o catálogo dos vícios.

Mas o mais importante é o comportamento dos homens diante das exigências do reino de Deus. A pureza ou a impureza das coisas depende do coração do homem. É a atitude do homem perante elas, é o uso que faz delas que as pode tornar impuras. Não há nada sagrado ou profano, puro ou impuro em si.

A criação é «secular»: pode ser profana e pode ser sagrada. A sacralidade e a pureza vêm ao homem e ao mundo, não de modo automático pelo contacto com determinadas coisas, lugares ou pessoas, mas unicamente através do canal do diálogo entre Deus e o homem.

Mais uma vez, Jesus fala por enigmas: «Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa tornar impuro. Mas o que sai do homem, isso é que o torna impuro» (v. 15). Como qualquer enigma, também este não é de fácil compreensão. Por isso é que Jesus começou por dizer: «Ouvi-me todos e procurai entender» (v. 14).

Estas palavras podem ser entendidas em sentido físico. Segundo a lei de Moisés, havia impurezas rituais concernentes aos alimentos e ao comer sem ter lavado as mãos. No evangelho de hoje a discussão partiu exactamente do facto dos Apóstolos comerem sem antes lavar as mãos.

Mas havia outras impurezas ligadas aos que «sai do homem», tal como perdas de sangue e outras. A mulher do Evangelho, que tinha perdas de sangue, escondia-se para não tocar outras pessoas e torná-las impuras. Quem fosse tocado por ela, teria de lavar-se e aguardar algum tempo antes de poder participar no culto.

O enigma de Jesus poderia ser entendido no sentido em que Ele dava mais importância ao que sai do homem do que ao que ele come e bebe. Mas não era essa a intenção de Jesus: Ele distinguia o exterior e o interior no sentido do físico e do moral ou espiritual. Queria dizer que as coisas materiais têm menos importância para a pureza religiosa. E isto era uma verdadeira revolução religiosa, uma dessacralização.

É certo que, para Jesus, todas as coisas têm relação com Deus e devem ser santificadas. Mas não devem ser sacralizadas, não se lhes deve dar uma importância desproporcionada. O alimento, o lavar as mãos, têm importância. Mas não devem ser entendidos como realidades sagradas. Uma coisa é a higiene; outra é a pureza religiosa. Há relação entre a limpeza do corpo e o respeito devido a Deus.

Mas não se pode considerá-los tão importantes, que permitam esquecer outros aspectos bem mais importantes, e que não são tão facilmente alcançáveis. Purificar o coração é mais difícil do que lavar as mãos!

Jesus revela que a pureza religiosa não é exterior, mas interior. É preciso purificar o coração, o nosso íntimo, o nosso «eu profundo», onde realmente se dá o encontro com Deus, mais do que as mãos. Há que purificar as intenções, os desejos, os actos da vontade e da inteligência, pois é deles que nasce tudo o que é mau: «as prostituições, roubos, assassínios, adultérios, ambições, perversidade, má fé, devassidão, inveja, maledicência, orgulho, desvarios. Todas estas maldades saem de dentro e tornam o homem impuro» (v. 21-23).

Escrito por Assis

Sábado, 09 Fevereiro 2019 08:25 -

Fonte: adaptação/resumo de um texto de F. Fonseca em “dehonianos.org/portal/liturgia”